

# UMA DISCUSSÃO SOBRE O MÉTODO DIALÉTICO

Maria Analice P. da SILVA<sup>1</sup>

## RESUMO

No início dos anos 70, Antonio Candido insurge na crítica literária brasileira uma “nova” perspectiva de análise-crítica, que visa pensar o texto ficcional enquanto formalização estética do contexto social. Esse método já vinha sendo amadurecido desde os primeiros estudos do crítico mineiro e adquirido maior contundência no famoso *Literatura e sociedade*, em que Candido destina um capítulo – “Crítica e Sociologia” – à apresentação de um panorama, que remete ao século XIX, passa pelos formalistas, e desemboca na perspectiva de viés dialético. No século XIX, os estudiosos de literatura deram importância em demasia ao conteúdo da obra, ao seu condicionamento social, ao aspecto de realidade que ela exprimisse. No início do século XX, chegou-se à posição de que a importância da obra deriva das operações formais. Nos anos 60, chega-se à conclusão de que as duas visões não podem estar dissociadas e que se deve estudar o texto ficcional fundindo-o com o contexto numa interpretação dialética. Para Roberto Schwarz, no ensaio de Antonio Candido há uma superação da incompatibilidade entre os estudos chamados interno e externo da obra de ficção. Dessa forma, a crítica moderna superou, não a orientação sociológica, mas o sociologismo crítico.

PALAVRAS-CHAVE: Dialética. Marxismo. Literatura. Sociedade.

*[...] em literatura, o básico da crítica marxista  
está na dialética de forma literária e processo social.  
Trata-se de uma palavra de ordem fácil de lançar  
e difícil de cumprir.*

(Roberto Schwarz)

“Pressupostos salvo engano de ‘Dialética da malandragem’”

Roberto Schwarz<sup>2</sup> nos mostra como, num período de vinte anos em sala de aula, surgiram diversas linhas críticas (impressionismo, historiografia positivista, *new criticism* americano, estilística, marxismo, fenomenologia, estruturalismo, pós-estruturalismo e teorias da recepção) sem que houvesse um “esgotamento do projeto” que cada uma delas propunha: ou seja, antes que uma determinada linha de análise crítica da literatura amadurecesse, surgia uma outra pelo simples “gosto pela novidade terminológica e doutrinária” semelhante ao caráter “imitativo” da vida cultural do Brasil, caráter esse identificado por Schwarz, em diversos aspectos culturais e sociais como inautêntico e postiço. Esse apetite pelo novo acaba acarretando prejuízo pela descontinuidade de estudos da geração anterior, ou seja, mudamos internamente de projeto, antes mesmo que ele se esgote, em prol de uma doutrina de prestígio americano ou europeu. Mas,

O prejuízo acarretado se pode comprovar pela via contrária, lembrando a estatura isolada de uns poucos escritores como Machado de Assis, Mário de Andrade e, hoje, Antonio Candido, cuja qualidade se prende a este ponto. A nenhum deles faltou informação nem abertura para a atualidade. Entretanto todos souberam retomar criticamente e em larga escala o

---

<sup>1</sup> Universidade Federal da Paraíba.

<sup>2</sup> SCHWARZ, Roberto. Nacional por subtração. In: *Que horas são?* São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 29 – 48.

trabalho dos predecessores, entendido não como peso morto, mas como elemento dinâmico e irresolvido, subjacente às contradições contemporâneas.<sup>3</sup>

Ao se verificar o percurso do pensamento de Antonio Candido, desde as suas teses sobre Sílvio Romero até alcançar um pensamento “verdadeiramente dialético”<sup>4</sup>, fica evidente ao mesmo tempo o traço de tradição e a abertura para a atualidade do crítico. Em “Crítica e sociologia”<sup>5</sup>, Antonio Candido elabora um perfil dessa tradição, distinguindo a sociologia do sociologismo, e a análise formal da análise dos condicionamentos sociais como fatores externos, concedendo ao leitor uma compreensão clara de que a análise crítica, propriamente dialética, se realiza quando o “[...] *externo* (no caso, o social) importa não como causa; nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, *interno*”. (CANDIDO, 1985).

Expressões como “formalização estética de circunstâncias sociais”, “redução estrutural do dado externo”, “função da realidade histórica na constituição da estrutura de uma obra”, são freqüentes no estudo crítico de Antonio Candido<sup>6</sup>, comprovando a sua convicção para com esse método de trabalho e, ao mesmo tempo, que esse método pode abranger os mais diversos aspectos e elementos do texto ficcional, já que um dos seus matizes é justamente procurar lidar, no que constitui a totalidade de uma obra, com tudo o que vem a ser a *estruturação formal do extraliterário*. Trata-se, portanto, de uma perspectiva muito aberta, principalmente para as disciplinas afins como antropologia, sociologia, ciência política, economia e história. Parece ser essa abertura que coloca o pesquisador num terreno movediço e fértil. Fértil porque é permissível aplicar aos elementos de análise da obra literária todas as informações extraliterárias que o crítico tenha acerca deles<sup>7</sup>; e movediço porque exige do crítico uma postura o mais coerente possível no estudo da relação literatura e sociedade, apesar do caráter arbitrário dessa relação. Exige-se, assim, uma grande cautela do pesquisador para que ele não se perca nas unilateralidades da obra, detendo-se ora só ao conteúdo, ora só à forma.

A proposta metodológica, aqui discutida, visa algo ainda maior do que essa cautela: para os estudos de cunho dialético, é necessário o extremo cuidado de estar a todo instante observando a obra literária na sua totalidade. Para o olhar dialético, a obra não poderá ser constituída por unidades (de um lado forma, do outro conteúdo), nem por dualidades (uma forma que converge ou que diverge do seu conteúdo), mas por uma unificação dos elementos forma/contéudo, ou seja, “o fator social é invocado para explicar a estrutura da obra e o seu teor de idéias, fornecendo elementos para determinar a sua validade e o seu efeito sobre nós”. (CANDIDO, 1985, p. 14).

Foi seguindo esse trajeto que o pensamento de Antonio Candido desembocou, no início da década de 70, no primeiro estudo literário, de fato, dialético”. Em “Dialética da malandragem”<sup>8</sup>, o crítico opera a articulação das duas estruturas na obra de Manuel Antonio de Almeida, *Memórias de um sargento de milícias*, uma formal e uma social, traduzida por Schwarz como “discernimento formal”. Segundo Schwarz, essa articulação foi tentada nos anos anteriores, mas sem muitos resultados expressivos.

Alguns anos depois de “Dialética da malandragem”, Antonio Candido desenvolveu uma comparação entre *O Cortiço*, de Aluísio de Azevedo e *L’assomoir*, de Émile Zola, no ensaio “De

<sup>3</sup> Ibidem, p. 31.

<sup>4</sup> SCHWARZ, Roberto. Pressupostos salvo engano de ‘Dialética da malandragem’. In: *Que horas são?* São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 129.

<sup>5</sup> CANDIDO, Antonio. Crítica e sociologia. In: *Literatura e sociedade: estudos de teoria e crítica literária*. 7. ed. São Paulo: Nacional, 1985.

<sup>6</sup> SCHWARZ, “Pressupostos salvo engano de ‘Dialética da Malandragem’”. Op. Cit., p. 142.

<sup>7</sup> Sugestão de Schwarz quando da proferição de uma palestra na cidade de Crato, no Ceará, em maio de 1999, sobre o seu livro *Duas meninas e sobre Dom Casmurro*, de Machado de Assis. Palestra aqui referida a partir da transcrição de uma fita cassete.

<sup>8</sup> CANDIDO, Antonio. Dialética da malandragem. In: *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1993. p. 19 – 54.

cortiço a cortiço”<sup>9</sup>, para demonstrar a “filiação de texto”, no caso, o modelo europeu, e a “fidelidade aos contextos”, que são as particularidades sociais brasileiras e, assim, apresentar a originalidade do romance de Aluísio de Azevedo. Em “De cortiço a cortiço”, Antonio Candido opera a dialética entre o “espontâneo” e o “dirigido”: de um lado, a “incoordenação” e, do outro, a supressão desta incoordenação, como manifestação da acumulação do capital:

N’*O Cortiço*, está presente o mundo do trabalho, do lucro, da competição, da exploração econômica visível, que dissolvem a fábula e sua intemporalidade. Por isso, falei aqui em jogo do espontâneo e do dirigido, concebidos não como pares antinômicos, mas como momentos de um processo que sintetiza os elementos antitéticos. Espontâneo –, mais como tendência, ou como organização difusa, à maneira da sociabilidade inicial do cortiço, fortemente marcada pelo espírito livre do grupo. Dirigido –, que é a atuação de um projeto racional.<sup>10</sup>

Ao se debruçar sobre as obras de Antonio Candido e de Roberto Schwarz e, conseqüentemente, na formação da experiência intelectual brasileira fundamentada no materialismo histórico, Paulo Eduardo Arantes<sup>11</sup> apresenta um panorama que abrange um período relativamente extenso. Mas o seu traço se verticaliza: esse estudo é valioso também pelo grau de profundidade com que o horizonte é apresentado.

As noções de *dualismo*, *pares antitéticos*, *metodologia dos contrários*, etc., são amplamente discutidas por Arantes, que destaca em Antonio Candido, além da descrição metodológica, o caráter de movimento do seu ensaísmo, e em Roberto Schwarz o esquema histórico que este compôs, constituído pela velha explicação dualista, pelo “marxismo renovado da ciência social uspiana”, e por uma segunda aceção de dialética, que é a *dialética negativa*.

Segundo Arantes, no ensaísmo de Antonio Candido há movimento<sup>12</sup> e desenvolvimento e no seu objeto, que é a experiência brasileira, invés de dicotomia há combinação. Em Roberto Schwarz a dualidade colonial-burguesa constituía uma representação da dialética da ilustração: “um dos aspectos do passo globalizante inerente” ao seu esquema crítico.

O projeto de desencantamento, elaborado e defendido pelo esclarecimento (ou ilustração) resultou, segundo os críticos Adorno e Horkheimer, na barbárie<sup>13</sup>. Retomando “as formas primitivas da racionalização e da troca mercantil” (ADORNO; HORKREIMER, 1985, P. 96), exemplificadas pela epopéia de Homero, os críticos alemães realizam uma “metacrítica”: na história da filosofia, o projeto de emancipação do homem visa a sua libertação dos medos, através do saber, da razão, do conhecimento. Contudo, essa mesma razão produziu a modernização (industrial), contrariando aquele programa de liberdade e gerando, ao mesmo tempo, medos de outra ordem, “(...) é próprio

<sup>9</sup> CANDIDO, Antonio. De cortiço a cortiço. In: *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1993. p. 123-152.

<sup>10</sup> Ibidem, p. 151.

<sup>11</sup> ARANTES, Paulo Eduardo. *Sentimento da dialética na experiência intelectual brasileira: dialética e dualidade segundo Antonio Candido e Roberto Schwarz*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

<sup>12</sup> A propósito da idéia de *movimento*, Arantes se assenhora do estudo de Davi Arrigucci Jr., (Movimentos de um leitor: ensaio e imaginação crítica em Antonio Candido. In: *Dentro do texto, dentro da vida: ensaios sobre Antonio Candido*. Organizadoras: Maria Angela D’Incao e Eloísa Faria Scarabôto. São Paulo: Companhia das Letras: Instituto Moreira Salles, 1992. p. 181-204), que verifica na obra crítica de Antonio Candido a importância da identificação dos vários aspectos, quais sejam “o da teoria, da história literária, da militância, da erudição e tantos outros mais”. Destes diversos aspectos, Arrigucci destaca um, em torno do qual desenvolve o seu raciocínio: “o ponto de vista do crítico enquanto leitor, tal como se configura na forma literária de seu ensaio.”, p. 181.

<sup>13</sup> ADORNO, T. W. & HORKREIMER, Max. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

do esclarecimento não cumprir o que promete, sem que a promessa de reconciliação seja nada, pelo contrário, só se torna ideologia quando se apresenta como promessa historicamente cumprida.<sup>14</sup>

Seguindo ainda o raciocínio de Arantes, em Antonio Candido dialética e dualidade se reencontram no centro da experiência brasileira:

Dialética e dualidade, reencontradas no centro da experiência brasileira, aparecem assim entrelaçadas numa forma mediadora, na qual convergem unidade estética e totalização social, conjunção revelada em toda a sua força explicativa num ensaio que, ao meio literário, encontrava a forma adequada para o sentimento dos contrários filtrado desde os tempos em que Antonio Candido estudava a ambivalência da disciplina arcádica, cifra precursora da ambivalência ideológico-moral de todo intelectual brasileiro.<sup>15</sup>

Em Schwarz, a chave da questão é a noção de contradição, que orienta e rege a sensação de dualidade que o Brasil (vez por outra) desperta.

Em suma, o passo principal para os dois críticos, segundo Arantes, é retomar o ensaio literário para a sondagem da experiência brasileira, numa reativação do materialismo histórico. O objetivo deles é, portanto, desenvolver um princípio em que se possa colocar “em movimento a forma estética e a forma social”, arquivando-se termos como dualidade e dicotomia. Para Arantes, há uma retomada dessas noções, mas elas se reapresentam em acepções renovadas. Em Antonio Candido, o sentimento dos contrários está em evidência. Em Schwarz a coisa não é tão diferente, nem de menor complexidade. Roberto Schwarz se assenhora de historiadores, economistas e filósofos, relendo o *Capital*, para localizar a nossa contradição básica: no Antigo Regime, “éramos parte de um sistema com duas caras, nem integralmente capitalistas, nem simplesmente pré-capitalistas.” (ARANTES, 1992, p. 66).

Conta Roberto Schwarz<sup>16</sup> que, a partir de 1958, um grupo de estudos se organizou em São Paulo para reler *O Capital*. Nesse grupo estavam representadas a filosofia, a história, a economia, a sociologia e a antropologia. Embora ligados à Faculdade de Filosofia (o contexto imediato do Seminário), os estudos do grupo se realizavam fora da faculdade. As grandes referências para a necessária volta a Marx como “um esforço de auto-retificação da esquerda, bem como de reinserção na linha de frente da aventura intelectual” (SCHWARZ, 1999, p. 88) foram: a divulgação das realidades inaceitáveis da União Soviética, com a morte de Stalin, em 1953; a revolução cubana em 1959, que nem foi feita por operários, nem dirigida pelo Partido Comunista e, portanto, sem seguir as etapas sugeridas na teoria; por fim, o contexto nacional formado por Juscelino Kubitschek e seu projeto desenvolvimentista de avançar cinquenta anos em cinco.

Schwarz aponta, nesse depoimento, as grandes contribuições do Seminário, entre elas as teses de Fernando Henrique Cardoso sobre capitalismo e escravidão e de Maria Sylvia de Carvalho Franco (elaboradas fora do grupo, mas no mesmo clima crítico, ideológico e bibliográfico) sobre “homens livres” na ordem escravocrata. Para Schwarz, a obra-prima gerada pelo Seminário é *Portugal e o Brasil na crise do Antigo Sistema Colonial (1777-1808)*, de Fernando Novais.

O crítico também aponta as deficiências do Seminário. Uma delas se deve ao fato de o grupo não ter tido muito interesse pela crítica de Marx ao fetichismo da mercadoria. Outra deficiência decorre da falta de compreensão da importância dos frankfurtianos, “[...] cujo marxismo sombrio, mais impregnado de realidade que os demais, havia assimilado e articulado uma apreciação plena das experiências do nazismo, do comunismo stalinista e do *american way of life*, encarado sem complacências”. (SCHWARZ, 1999, p. 104).

<sup>14</sup> Ibidem, p. 96.

<sup>15</sup> ARANTES. Op. Cit., p. 45.

<sup>16</sup> SCHWARZ, Roberto. Um seminário de Marx. In: *Seqüências brasileiras: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 86-105. (grifos meus).

Para Schwarz, isso tudo gerou inocência nos pesquisadores, no que se refere ao lado degradante da mercantilização, por não terem considerado a industrialização da cultura. Gerou também indiferença quanto “ao valor de conhecimento da arte moderna, incluída a brasileira, a cuja visão negativa e problematizadora do mundo atual não se atribuía importância” (SCHWARZ, 1999, p. 104). Foi pago, portanto, um preço literário e cultural alto, pois as teses levantadas no Seminário não se aliavam produtivamente ao campo das Letras e, assim, renderam menos do que teriam condições de render.

Isto posto, vemos que o estudo literário de fundo social e natureza dialética exige do crítico um bom conhecimento da matéria extra-literária e de como ela se formaliza em texto ficcional. Pensar o Brasil contemporâneo em seus aspectos culturais, sociais, políticos, etc. é colocar em evidência, sobretudo, o seu processo de formação; é também refletir sobre os conceitos de tradição, modernidade, pós-modernidade e globalização. Nisso tudo, um dado é bastante certo e imprescindível: as teses sobre as contradições internas brasileiras dos anos 70 e 80, parecem estar cada vez mais ajustadas à nossa atualidade.

Refletir sobre os aspectos que compõem a sociedade contemporânea, através de uma perspectiva crítica de orientação marxista é mergulhar, uma vez mais, num universo dualista, pensando esse dualismo como elemento formador de uma “história híbrida”, conforme assinala García Canclini<sup>17</sup>, quando pretende averiguar qual seria a visão certa da modernidade latino-americana. Canclini traça um percurso que passa por Octavio Paz, Renato Ortiz, Roberto Schwarz, Perry Anderson, entre outros, demonstrando o seu interesse em abranger a América Latina, através das particularidades de cada país. Nesse sentido, o antropólogo argentino discute a formação dessas sociedades, afirmando que “[...] fuimos colonizados por las naciones europeas más atrasadas, sometidos a la Contrarreforma y otros movimientos antimodernos, sólo con la independencia pudimos iniciar la actualización de nuestros países”. (GÁRCIA CANCLINI, 1990, p. 206).

E traça um caminho teórico para o entendimento da hibridez da nossa história, com destaque para o artigo de Perry Anderson<sup>18</sup>, cujo objetivo é “examinar a estrutura do argumento de Marshall Berman”, em *Tudo que é sólido desmancha no ar*<sup>19</sup>.

Para Anderson há uma multiplicidade de modernismos: o espaço do modernismo é diferencial porque, por exemplo, na Inglaterra, onde a industrialização se instalou pioneiramente, não houve “nenhum movimento nativo de tipo modernista virtualmente significativo nas primeiras décadas deste século” (ANDERSON, 1986, P. 7), como houve na América e noutros países como Alemanha, Itália, França, Rússia e Holanda. Com relação à temporalidade histórica diferencial, Anderson aponta como alternativa para a compreensão das origens e das aventuras do modernismo, o arremetimento à tradição marxista, seguindo o caminho tomado por Lukács, para o qual a decadência ideológica da burguesia e, com isso, o advento da estética naturalista na segunda metade do século XIX, vão “dar enfim no modernismo do início do século XX”. Sendo que, para Anderson, no campo da filosofia, a obra lukacsiana, *A Destruição da Razão*, não pode de modo algum ser “negligenciada”. Mas na literatura, o esquema do pensador húngaro se revela, ainda segundo Anderson, “relativamente estéril”:

<sup>17</sup> GARCÍA CANCLINI, Néstor. La modernidad después de la posmodernidad. In: BELLUZZO, Ana Maria de Moraes (Org.). *Modernidade: vanguardas artísticas na América Latina*. São Paulo: Memorial: UNESP, 1990. p. 201-237.

<sup>18</sup> ANDERSON, Perry. Modernidade e revolução. *Novos Estudos CEBRAP*. Trad. Maria Lúcia Montes. São Paulo, n. 14, p. 2-15, fev. 1986, p. 2.

<sup>19</sup> BERMAN, Marshall. Introdução. In: \_\_. *Tudo que é sólido desmancha no ar: A aventura da modernidade*. Trad. de Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986. p. 127-165. Neste estudo, Berman mapeia os cinco séculos de modernidade (experiência histórica), estudando a dialética da modernização (processo econômico) e do modernismo (visão cultural), discutindo as posições de Marx e Nietzsche (século XIX) e Max Weber, Foucault e Octavio Paz (século XX) para explicar que o modernismo do século XIX é mais dialético e dinâmico do que o do século XX, embora este século “talvez seja o mais brilhantemente criativo na história do mundo”.

O erro básico da ótica de Lukács consiste, aqui, no seu *evolucionismo*: isto é, o tempo difere de uma época para outra, mas no *interior* de cada época todos os setores da realidade social se movem em sincronia uns com os outros, de tal modo que o declínio em um nível deve refletir-se como descenso em todos os outros.<sup>20</sup>

A alternativa que Anderson sugere, portanto, é uma “explicação *conjuntural*”, que envolva a “intersecção de diferentes temporalidades históricas a fim de compor uma configuração tipicamente sobredeterminada.” Isto é,

O modernismo europeu nos primeiros anos deste século floresceu assim no espaço situado entre um passado clássico ainda utilizável, um presente técnico ainda indeterminado e um futuro político ainda imprevisível. Dito de outro modo, ele surgiu na intersecção de uma ordem dominante semiaristocrática, uma economia capitalista semiindustrializada e um movimento operário semi-emergente, ou semiinsurgente.<sup>21</sup>

Dessa forma, torna-se mais compreensível o que García Canclini irá denominar de “heterogeneidade multitemporal” que, grosso modo, corresponde às contradições vigentes nos países latino-americanos. As contradições entre modernismo e modernização, segundo o autor, condicionam a função sócio-cultural dos artistas e as suas obras. Para analisá-los, continua o antropólogo, “[...] se precisa una teoría liberada de la ideología del reflejo y de cualquier suposición acerca de correspondencias mecánicas o directas entre base material y representaciones simbólicas (GÁRCIA CANCLINI, 1990, p. 203.).

Para García Canclini, esta ruptura surge pela primeira vez no texto “As idéias fora do lugar”, de Roberto Schwarz, em que o crítico analisa, na obra de Machado de Assis, a institucionalização do favor como ponto de partida para o entendimento das contradições sociais brasileiras.

Uma discussão mais recente sobre essas questões vem de Tânia Pellegrini<sup>22</sup>. A autora destaca aspectos culturais e coordenadas históricas, econômicas e sociais, discutindo os conceitos de pós-modernidade e capitalismo tardio para se chegar a um denominador comum do que vem a ser e constituir a nova sensibilidade:

A ‘nova sensibilidade’ é alimentada (criada, para Jameson) pelo consumismo tido como contraface da degradação do trabalho (além da compensação para a impotência econômica e ausência de poder político): a eliminação do prazer e da habilidade individual do processo da produção, que se acrescenta à antiga divisão entre trabalho manual e intelectual. Além do mais, como afirma Baudrillard, ‘o consumo é uma conduta ativa e coletiva, uma imposição moral, uma instituição. Ele é todo um sistema, como tudo o que esse termo implica, isto é, uma função de integração grupal e controle social’.<sup>23</sup>

Para entrar na discussão sobre o consumismo, entendido como “alimentador” da nova sensibilidade, é necessário discutir sobre a mídia e questões inerentes a *capitalismo tardio* e

<sup>20</sup> Ibidem, p. 8. (grifos do autor).

<sup>21</sup> Ibidem, p. 8.

<sup>22</sup> PELLEGRINI, Tânia. Aspectos da produção cultural brasileira contemporânea. *Crítica Marxista*. São Paulo: Brasiliense, 1995. p. 69-91. O objetivo da autora, com este estudo, é responder à seguinte questão: “o que realmente simboliza a TV na intrincada rede de relação entre a percepção do mundo e sua representação artística?”

<sup>23</sup> Ibidem, p. 86.

*sociedade de consumo*. Conseqüentemente vêm à tona as noções de “contradições internas”, assinaladas por Schwarz, analogamente compreendidas por “modernização desigual”, segundo expressão de García Canclini. É justamente essa a matéria necessária para a compreensão de certas obras literárias contemporâneas, assim como foram para Roberto Schwarz a “institucionalização do favor”, no século XIX, para o estudo da obra de Machado de Assis; e para Antonio Candido a gangorra entre a ordem e a desordem, também no século XIX, para o estudo do romance de Manuel Antônio de Almeida. Só para citar um dos vários exemplos de cada um dos críticos.

Dessa maneira, analisar a literatura brasileira contemporânea pressupõe, sobretudo, a busca do entendimento dessas noções, principalmente quando a perspectiva de análise visa a dialética entre a forma literária e a forma social.

Considerando que a nova sensibilidade seja alimentada pelo consumismo, conforme assinala Pellegrini, pode-se dizer que a imagem (eletrônica ou correspondente a ela) é o seu principal mediador. Além disso, a imagem, como mediadora da mídia, ou seu principal instrumento, tem tido o poder de modificar culturalmente a postura, o comportamento e a sensibilidade perceptiva e reprodutiva das pessoas:

Em outras palavras pode-se dizer que, com a mídia, está gradativamente se modificando a natureza do conhecimento, que passa a ser traduzido em quantidade de informação transmitida, na grande maioria por meio de imagens, a ponto de as coisas só existirem na mente depois de produzidas e/ou veiculadas por esses estímulos imagéticos. Desse modo altera-se a sensibilidade perceptiva, não mais atenta à realidade concreta circundante, mas à sua reprodução nas imagens. Por outro lado, devido a sua presença “concreta” dentro da realidade, a imagem apresenta-se como elemento *constitutivo*, um referente imediato como outro qualquer, sendo assim absorvida. É essa a essência do seu poder.<sup>24</sup> (Grifos nossos).

Tratando-se, portanto, de uma reprodução do real, esta imagem se introduz, às vezes sutilmente, em todos os aspectos da vida cotidiana, desfazendo fronteiras ou encurtando distâncias e tornando presentes, de forma simultânea, “fatos totalmente díspares”. Mas essa imagem do real reproduzida tecnicamente,

(...) fabrica uma outra realidade muito mais interessante, uma realidade que Guy Debord chama de *espetacular*, devido à intensificação de forma, cor e tamanho, que neutraliza a especificidade do referente. A imagem assim criada surge como duplo, como fantasmagoria, como simulacro. É a imagem do que não existe, a imagem de outra imagem. Como tal, sua virtual capacidade de manuseio e manipulação é ilimitada: funde-se, repete-se, justapõe-se, recorta-se, antecipa-se, prolonga-se, eliminando a possibilidade de surgimento de um significado novo e acentuando a presença do mesmo, sempre, ainda que muitas vezes refeito. Nesse jogo de espelhos, o horizonte entrevisto é a conformidade.<sup>25</sup> (Grifos nossos).

É essa imagem do real (fantasmagoria e simulacro) a principal mediadora do consumismo. O papel da publicidade é preponderante nesse aspecto e a sociedade fica de mãos atadas “nesse jogo de espelhos”, cuja única saída (também fantasmagórica, já que de fato ela não existe) é comprar, é consumir:

---

<sup>24</sup> Ibidem, p. 78.

<sup>25</sup> Ibidem, p. 79.

Numa sociedade em que os verdadeiros valores modernos ainda não estavam enraizados, trata de vender a sensação de que o consumo pode preencher o doloroso vazio da vida, trazido pelas agruras do trabalho subalterno e pelas misérias morais e espirituais que preenchem parte do cotidiano. Numa sociedade marcada pelo privilégio e pela desigualdade, proclama alto e bom som que o homem vale apenas pelo que consome.<sup>26</sup>

Isso comprova ou ratifica, ao mesmo tempo em que escamoteia, o descompasso da sociedade brasileira em todos os aspectos:

O capitalismo cria a ilusão de que as oportunidades são iguais para todos, a ilusão de que triunfam os melhores, os mais trabalhadores, os mais diligentes, os mais econômicos. [...] No entanto, a situação de partida é *sempre* desigual, porque o próprio capitalismo, a própria concorrência, entre empresas e entre homens, recria permanentemente assimetrias entre os homens e as empresas.<sup>27</sup>

Para fechar esse suporte teórico-metodológico vale ainda explicitar que o percurso aqui tomado deve também, e em grande parte, aos estudos desenvolvidos na Escola de Frankfurt, sobretudo os de T. W. Adorno e Walter Benjamin acerca do narrador, da problemática da indústria cultural e da reprodução técnica da obra de arte. São questões, portanto, discutidas no seio do projeto dos frankfurtianos desenvolvido no início do século XX por intelectuais marxistas não ortodoxos, que criaram o *Institut Fuer Sozialforschung* (Instituto de Pesquisa Social) em 1923, cujos eixos temáticos eram três: a dialética da razão iluminista e a crítica da ciência; a dupla face da cultura e a discussão da indústria cultural; e a questão do Estado e suas formas de legitimação<sup>28</sup>.

A esse arcabouço teórico metodológico integram-se, assim, estudos mais específicos sobre a técnica narrativa e o gênero romanesco, bem como estudos que abrangem aspectos culturais, sociais e políticos para a compreensão de certas inovações pelas quais passaram a literatura e a arte, de um modo geral, com o advento da desenfreada industrialização e das vanguardas históricas.

Todos esses conceitos (ou noções) estão na ordem do dia para o entendimento da nossa contemporaneidade. A arte e a literatura podem ser vistas, portanto, como um produto (direto ou indireto), uma “formalização” desse contexto, do qual é difícil retirar ou subtrair os elementos necessários para a elaboração de um panorama cultural no que se refere, por exemplo, aos estilos hoje desenvolvidos. É essa dificuldade o nosso desafio. É essa a problematização que apontamos, sem a pretensão de esgotá-la. Importa que saibamos as causas e empenhemos esforços para traçar uma reflexão sobre o que vem sendo desenvolvido em literatura brasileira nos últimos dez ou vinte anos. Para tanto, importa, seguindo sugestão de Roberto Schwarz, abertura para a atualidade e, ao mesmo tempo, a retomada de uma tradição crítica de base marxista que, apesar dos percalços e limitações, tem mostrado caminhos coerentes para a compreensão da arte, na sua relação dialética com o ambiente social.

De posse desse material, resta (eis o cerne do trabalho analítico-crítico nesta perspectiva metodológica) se debruçar sobre as obras literárias a serem analisadas e *canalizar a preocupação na forma que elas dão ao conteúdo que expressam*. Para tanto, faz-se necessário situá-las num contexto de produção literária, sem a ingênua pretensão de fazer uma história da literatura contemporânea ou a preocupação extremada de extrair dela as suas influências, mas tentando verificar em quais aspectos determinados escritores contemporâneos elaboram o que podemos chamar de metáforas da sociedade moderna.

<sup>26</sup> MELLO, João Manuel Cardoso de & NOVAIS, Fernando A. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz. (org. do volume). *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 559 – 658. (História da vida privada no Brasil; 4) p. 641.

<sup>27</sup> Ibidem, p. 581-582.

<sup>28</sup> FREITAG, Bárbara. *A teoria crítica ontem e hoje*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

**REFERÊNCIAS**

- ADORNO, T. W. & HORKREIMER, Max. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.
- ANDERSON, Perry. Modernidade e revolução. *Novos Estudos CEBRAP*. Trad. Maria Lúcia Montes. São Paulo, n. 14, p. 2-15, fev. 1986.
- ARANTES, Paulo Eduardo. *Sentimento da dialética na experiência intelectual brasileira: dialética e dualidade segundo Antonio Candido e Roberto Schwarz*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- BERMAN, Marshall. Introdução. In: \_\_\_\_\_. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Trad. de Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e crítica literária*. 7. ed. São Paulo: Nacional, 1985.
- \_\_\_\_\_. Dialética da malandragem. In: \_\_\_\_\_. *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1993.
- FREITAG, Bárbara. *A teoria crítica ontem e hoje*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- GARCÍA CANCLINI, Néstor . La modernidad después de la posmodernidad. In: BELLUZZO, Ana Maria de Moraes (Org.). *Modernidade: vanguardas artísticas na América Latina*. São Paulo: Memorial: UNESP, 1990.
- MELLO, João Manuel Cardoso de & NOVAIS, Fernando A. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: SCHWARZ, Lília Moritz. (org.). *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea* V. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 559 – 658.
- PELLEGRINI, Tânia. Aspectos da produção cultural brasileira contemporânea. In: \_\_\_\_\_. *Crítica Marxista*. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- SCHWARZ, Roberto. Um seminário de Marx. In: \_\_\_\_\_. *Seqüências brasileiras: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras. 1999.
- \_\_\_\_\_. Nacional por subtração. In: \_\_\_\_\_. *Que horas são?*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- \_\_\_\_\_. Pressupostos salvo engano de “Dialética da malandragem”. In: \_\_\_\_\_. *Que horas são?* São Paulo: Companhia das Letras, 1987.